

## Música e Dislexia: A contribuição da Educação Musical para pessoas com este distúrbio

**Brenda Karoline Costa Siqueira**  
Universidade do Estado do Pará  
*brendoline@outlook.com*

**Darlyson Murilo Amaral Moreira**  
Universidade do Estado do Pará  
*darlysonamaral2017@gmail.com*

**Fernanda Fátima Rocha Collins Costa**  
Universidade do Estado do Pará  
*fernandacollins@gmail.com*

**Ian Silva Nemer Cruz**  
Universidade do Estado do Pará  
*ian\_nemer@hotmail.com*

**Luiz Thiago Barros de Souza**  
Universidade do Estado do Pará  
*thiagossax@gmail.com*

**Resumo:** A dislexia é um distúrbio genético que dificulta o aprendizado, e o seu diagnóstico é muito específico. Ele ressalta, principalmente, a dificuldade na aprendizagem, especificamente na desenvoltura da leitura e da linguagem, impactando no processo de alfabetização da pessoa. O presente trabalho tem como objetivo identificar de que forma os métodos ativos da educação musical podem auxiliar a pessoa com dislexia, além de apresentar uma relação teórica entre o Método Fonomímico e os Métodos Ativos de educação musical. A abordagem desta pesquisa foi integralmente bibliográfica. A partir dos expostos, foi possível assimilar de que forma os métodos atuam e como trabalham de maneira semelhante para o desenvolvimento e inclusão do aluno com dislexia.

**Palavras-chave:** Educação musical, dislexia, inclusão.

### Introdução

A leitura é uma prática necessária para o desenvolvimento e a formação do indivíduo. Por sua vez, uma parcela de pessoas encontra grande dificuldade para desenvolvimento dessa atividade tão simples para a maioria de nós. Essa dificuldade é chamada dislexia, que significa “dificuldade com as palavras” (RIBEIRO, 2009, p. 1). É uma perturbação da aprendizagem

caracterizada pela dificuldade de leitura, no entanto, sem que isso desestabilize suas características intelectuais.

Segundo Barbosa (2012), a dislexia é classificada em dois tipos: adquirida e desenvolvida. A dislexia adquirida ocorre por meio de traumatismo ou lesão cerebral. O autor explica que “neste caso, o indivíduo já tinha aprendido a ler e escrever corretamente, mas perdeu essa capacidade após uma lesão ou trauma” (BARBOSA, 2012, p. 25). Na dislexia do desenvolvimento, “o indivíduo manifesta desde o início da aprendizagem problema na aquisição da leitura e da escrita” (BARBOSA, 2012, p. 25).

De acordo com Ianhez e Nico (2002), a dislexia é uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia. Trata-se não de uma deficiência, mas de uma dificuldade de aprendizagem que compromete o processo de alfabetização da criança.

Os alunos com deficiência têm o direito de serem acompanhados e receberem apoio adequado para desenvolverem suas habilidades. O público disléxico está incluso na modalidade de educação especial, sendo amparado pela LDB nº 9394/96, que coloca como garantia o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência”. A Constituição Federal, em seu art. 206, inciso I, propõe a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Assim, o disléxico tem direito de estar incluído dentro do ambiente escolar com outras crianças sem o distúrbio. De acordo com Silva (2015), a educação inclusiva deve ser compreendida como uma tentativa de atender às dificuldades de aprendizagem de qualquer aluno no sistema educacional.

Segundo Ribeiro (2009, p.9), o disléxico pode assumir algumas dificuldades comuns, quais sejam: leitura lenta, distorção de palavras, apagamentos, confusão entre palavras visualmente parecidas ou com pronúncias semelhantes e esquecimento de palavras conectivas. Manifestam-se também dificuldades na pronúncia e na escrita; e na fala, conforme destaca a autora, “omissão de palavras, repetição de sentenças e dificuldade de pronúncia de palavras multissilábicas”.

Partindo desse contexto, Carvalho e Nogueira (2016) apontam que a necessidade de identificar os sintomas é importante, pois favorece educadores, pais e demais profissionais da área educacional que lidam com as crianças e precisam de informações para compreender as dificuldades específicas de aprendizagens.

Nos últimos anos, surgiram diversas pesquisas quanto aos benefícios da música como estímulo para o desenvolvimento cerebral de um indivíduo. Para Muszkat (2012, p.67), “a música não apenas é processada no cérebro, mas afeta seu funcionamento”. Sobre isso, Krug (2016, p.2) dispõe que:

Muito se ouve falar quanto aos benefícios da música para a aprendizagem, em função do favorecimento cognitivo/linguístico, psicomotor e socioafetivo, os quais se correlacionam com áreas cerebrais interligadas e dissociadas [...]. A música tem a função de colaborar com os estímulos necessários ao cérebro no desenvolvimento das diferenças cognitivas, destacando que se aprende melhor em situações em que se tenha oportunidade de vivenciar a riqueza de detalhes emocionais, por meio da acuidade auditiva.

Assumindo o pressuposto de que o processo de ensino-aprendizagem deve inserir o aluno em contextos que lhe permitam agir no mundo, esta pesquisa tem como objetivo identificar de que forma os métodos ativos de educação musical podem auxiliar a pessoa com dislexia, além de apresentar uma relação teórica entre o Método Fonomímico e os Métodos Ativos de educação musical.

A abordagem metodológica desta pesquisa foi integralmente bibliográfica. Esta, segundo Severino (2007), realiza-se a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhando outros pesquisadores e devidamente registrados. O pesquisador resgata a contribuição dos autores analíticos listados no texto.

A pesquisa iniciou-se com a leitura prévia do que é Dislexia, a legislação que ampara pessoas com necessidades especiais e a pesquisa sobre os diagnósticos e tratamento. A seguir, recorreu-se ao Método Fonomímico a partir de textos de Teles (2009). Na sequência, foram analisadas as semelhanças entre o referido método e os métodos ativos de educação musical, com base em Fonterrada (2008) e Mateiro e Ilari (2012).

## O Método Fonomímico

O método fonomímico foi criado e desenvolvido pela professora e psicóloga educacional Paula Teles (2009) no decorrer de sua experiência profissional e com base nos resultados da sua investigação neurocientífica. A psicóloga define seu método como fonossilábico e multissensorial, além de apresentar aspectos analíticos e sistemáticos. O objetivo principal do método é atingir o público infantil, ao prevenir as dificuldades de leitura, desenvolver as competências fonológicas, ensinar e reeducar a leitura ao ponto de alcançar a fluidez na mesma.

Vale ressaltar que o método se propõe também em apresentar estratégias facilitadoras nos processos de aprendizagem da leitura e da escrita por meio de atividades multissensoriais, atrativas e motivadoras. Este processo se dá da seguinte maneira:

As crianças observam os desenhos de cada animal-fonema, ouvem e cantam as suas histórias-cantilenas e imitam os respectivos gestos. A realização destas atividades multissensoriais, metacognitivas e psicolinguísticas, permite-lhes descobrir com prazer e entusiasmo a relação entre os sons da linguagem oral e as letras do alfabeto e, de degrau em degrau, progredir nas competências da leitura e da escrita (TELES, 2009, p. 6).

O método Fonomímico aplica cinco ações fundamentais: o Ver, o Ouvir, o Cantar, o Fazer Gestos e o Escrever. Logo, a característica multissensorial viabiliza uma intervenção muito eficiente no processo, uma vez que permitem um livre acesso simultâneo às vias do cérebro, promovendo potencialização e reforço na memorização e na aprendizagem por meio das interligações neurais que são ativadas com as diversas ações ao mesmo tempo. O método utiliza os seguintes materiais:

1) Cartões Fonomímicos: É destinado às crianças do jardim de infância, isto é, as que estão prestes a iniciar o processo de leitura e escrita. Nesse material, além dos cartões, contêm as “canções cantilenas” dentro de um CD, que abordam as correspondências entre Fonema (o som de cada letra) + Grafema (o símbolo, a letra).

2) Parque dos Fonemas: É um CD com cantilenas do abecedário e um livro que são usados na iniciação da leitura, e além do desenvolvimento da atividade auditiva e visual, trabalha a área Táctil pelo fato de as letras do livro serem em relevo.

3) Abecedário e Silabário: É responsável pela Fusão Fonêmica, a leitura conjunta de dois ou mais fonemas que formam as sílabas, sendo uma operação fundamental na aprendizagem da leitura.

4) Livro de Leitura e Caligrafia 1,2 e 3: Cada livro contém exercícios de leitura que relacionam todo o processo antes desenvolvido com o fonema-grafema (som e símbolo), sílabas (junção de fonemas) e sequências consonânticas (palavras com sequências de consoantes, por exemplo: **adep**to, **eucalipto**, etc)

5) Caderno de Caligrafia e Vocabulário Cacográfico: Tem como objetivo ensinar, automatizar e melhorar a caligrafia e a ortografia; facilita o reconhecimento de erros ortográficos e a organização fonética de palavras.

## Os Métodos Ativos

Alguns séculos atrás não havia qualquer preocupação com a aprendizagem de crianças, adolescentes ou adultos. Todos os níveis de idade eram tratados como iguais quando o assunto era educação, principalmente na música. No século XIX os músicos que se destacavam eram os dotados por um alto nível técnico de seus instrumentos.

Com o passar dos anos, grandes transformações artísticas foram acontecendo, e surgiram os pedagogos musicais e, com estes, os chamados métodos ativos, com um novo jeito de aprender e ensinar música, que até hoje são utilizados como fonte de inspiração para educadores musicais ao redor do mundo.

O objetivo principal desses métodos é o aprendizado musical de forma simples e prazerosa para a criança/jovem/adulto, a partir de uma vivência significativa, construindo sua personalidade. Para Gainza (1988, p. 36), “a música é um meio de fundamental importância, por movimentar e mobilizar, contribuindo assim para a transformação e o desenvolvimento”.

Fonterrada (2008), ao falar dos métodos ativos, mostra um panorama acerca dos pedagogos musicais. Segundo a autora, Dalcroze declara que se aprende música utilizando o primeiro instrumento: a voz e o corpo humano. Seu método foi desenvolvido para o ensino de professores, com excelente retorno. Dalcroze foi o disseminador dos métodos ativos.

O húngaro Kodaly era extremamente nacionalista. Seu método ensina música pelo movimento, pela dança e pelo canto com a utilização de músicas folclóricas, e assim como Dalcroze, também acreditava que a música deveria estar ao alcance de todos.

O alemão Carl Orff acredita que a música pode ser aprendida tão naturalmente quanto à fala, pela imitação, observação e apropriação. Para que seja alcançado o objetivo, ele trabalha como prioridade o movimento, o improviso e os ritmos, sem esquecer a ludicidade, movimentos corporais, rimas, canto e qualquer outro tipo de sonoridade diferenciada. Para Orff, a leitura e escrita musical vêm posteriormente às vivências musicais.

De acordo com Suzuki, toda criança tem capacidade de aprender música com a mesma facilidade de aprender a língua materna. Para seu método, a pessoa é fruto de seu meio. Esse meio é fabricado pelo que julga ser adequado para desenvolver o talento e o potencial de cada criança.

## **Relacionando o Método Fonomímico com os Métodos Ativos**

A educação musical e a dislexia estão ligadas a partir do momento em que o educador promove, por meio da inclusão, “uma aprendizagem musical voltada a pessoas com necessidades educacionais especiais e pessoas sem necessidades específicas, possibilitando a ambos o desenvolvimento da aprendizagem de forma coletiva” (SILVA, 2015, p. 24).

Relacionando o Método Fonomímico aos Métodos Ativos, podemos perceber sua semelhança e reforçar o papel da música para o tratamento da dislexia. Com base em Mateiro e Ilari (2012) e Teles (2009), podemos apontar as seguintes relações:

**Tabela 1:** Relação

| <b>Método Fonomímico</b> | <b>Métodos Ativos</b>  |
|--------------------------|--|
| Cartões fonomímico       | Cartelas Kodaly  |
| Ver e ouvir              | Cartelas Kodaly e sua execução   |
| Cantar                   | Dalcroze: a voz como primeiro instrumento musical  |
| Fazer gestos             | Kodaly: Manossofa<br>Dalcroze: Movimentos Corporais  |
| Por último escrever      | Carl Orff: “a escrita vem depois da vivência musical”  |
| Memorização              | Dalcroze: “criatividade, concentração e memória”   |
| Participação dos Pais    | Suzuki: “Formação do meio para que o talento seja desenvolvido” e “toda criança tem a capacidade de aprender música do mesmo jeito que aprende a língua materna” |

Fonte: Mateiro e Ilari (2012) e Teles (2009).

A ludicidade também aparece tanto no método fonomímico quanto nos métodos ativos, que podem ser trabalhados a partir de histórias contadas e ilustradas com seus materiais.

O Ver é dado como a primeira forma de contato da criança com o Método Fonomímico. Nos Cartões Fonomímicos, as vogais são apresentadas por cinco personagens: Aída, Egas, Inês, Olga e Ulisses. Cada uma das consoantes denomina um animal distinto, acompanhado de seu Fonema e Grafemas. Para cada animal, é contada uma história e uma canção, ditando o movimento que o aluno e/ou o professor devem realizar. Dessa forma, é possível relacionar essa atividade às Cartelas Kodaly.

No primeiro contato com o aluno são mostradas as cartelas Kodaly. A escolha do animal é livre, desde que o mesmo emita um som fácil de reproduzir. Em seguida, é exibida uma cartela com dois animais iguais representando o som duas vezes. Por fim, uma cartela sem nenhum animal, que representa o silêncio. A partir daí os alunos, com o auxílio do professor, podem criar suas composições rítmicas livremente.

Tanto as cartelas Kodaly quanto os cartões fonomímicos são atividades cumulativas, e trabalham a memorização e a criatividade. A criança vê a imagem e (re)conhece o animal. Esse primeiro contato nos remete também às cartelas Kodaly, em que a criança observa a figura

do animal e a partir dela, instintivamente, canta seu "som". O método também exercita a criatividade da criança, com a criação de ritmos diferentes e formando sequências diversas, de acordo com cada criação.

O Ouvir é o segundo contato com o método de Teles (2009). As crianças são expostas a apreciação das histórias dos animais-fonemas e suas respectivas músicas. Esse contato inicialmente pode ser relacionado com as Cartelas Kodaly, quando o aluno reconhece o som do animal e o reproduz instintivamente, apoiado nos seus conhecimentos de mundo e nas experiências passadas. Podemos conectar também com outros métodos ativos, com o de Suzuki, pela audição, faz-se o aprendizado por imitação.

Para Copland (1974), podemos ouvir música por três planos: o sensível, o expressivo e o puramente musical. Segundo o autor, quando somos expostos à música de forma ocasional, como quando estamos lendo um livro ao lado de um rádio, por exemplo, trata-se do plano sensível. Este plano permite que as pessoas abandonem seus corpos e viajem para dentro de si. No plano expressivo, a música passa a ter um significado para o ouvinte, a saber, o som de uma tempestade, um trem, um funeral, corrida, etc. E o plano puramente musical está vinculado ao sentido técnico da música, quando as notas de uma canção se tornam apenas notas de uma escala e são ouvidas de forma técnica.

Deve-se exercitar na criança a audição ativa. Essa compreende todos os planos citados por Copland (1974), e pela qual podemos educar a audição da criança para que a assimilação do conteúdo seja realizada com êxito. Para o desenvolvimento da audição da criança com Dislexia, segundo Rosa e Buriti (2014), faz-se necessário o uso de acompanhamento auditivo e/ou treinamento auditivo dessas crianças.

O Cantar, no método de Teles (2009), é o terceiro passo do processo, no qual a criança executa de forma oral o que ouviu na história dos animais-fonema. Dá-se também ao terceiro passo do método de Dalcroze, denominado Solfejo. Pelo solfejo, o aluno desenvolve seu "ouvido interno" (MATEIRO; ILLARI, 2012, p. 42), momento no qual se busca o vínculo entre movimento e canto.

O Movimento, ou fazer gestos, é o quarto momento. A elaboração do movimento interioriza o aprendizado. Para Dalcroze, (*apud* FONTEERRADA, 2008), as estruturas musicais



vão sendo abordadas dentro das atividades direcionadas pela escuta e é possível expressar o que escutam por meio de movimentos.

O quinto contato é o Escrever. Podemos relacionar esse contato com o teórico musical Carl Orff. Para Orff (*apud* MATEIRO E ILARI, 2012), a escrita vem depois da vivência musical.

No método fonomímico, a escrita vem depois da internalização do conteúdo aprendido, pois somente depois de ver a figura do animal, conhecer sua história, cantar sua música e formular seu movimento a criança pode traçar a escrita do fonema/letra.

A Memorização é uma das consequências do método de iniciação à leitura de Teles (2009). Para Suzuki (*apud* MATEIRO e ILARI, 2012), esse processo ocorre pelo exercício de repetição. Podemos também considerar atividades cumulativas, como as Cartelas Kodaly e o Manossolfa, como estímulo para a memorização.

A participação dos pais tem um papel fundamental no processo de aprendizagem do aluno, pois a interação entre os mesmos estimula o desenvolvimento e melhora a autoestima da criança. A partir da abordagem de Suzuki é possível perceber a facilidade do aprendizado pelo convívio social, ou seja, apenas observando seu círculo familiar.

Segundo Mateiro e Ilari (2012), este círculo pode ser fabricado tendo como base a necessidade da criança. As autoras apontam aspectos que contribuem para o desenvolvimento da criança, que são: a repetição constante dos sons e palavras, o cotidiano dos pais, o processo de repetição natural da criança, o entusiasmo dos pais quanto à conquista dos filhos, ao reforço positivo ajudando na autoestima da criança e à valorização do trabalho em grupo e da não competição.

Para Suzuki (*apud* MATEIRO E ILARI, 2012), o aprendizado só é concretizado se o pai ensina seu filho com seu exemplo; é feita a repetição do exercício sempre que tiver oportunidade. O exemplo dos pais deve ser uma prática repetida, pois a criança deve estar exposta a bons exemplos sempre que possível. Os pais aprendem o Método, a criança imita seus pais e memoriza o que aprendeu. Dá-se a aprendizagem de forma "automática", por se tratar de uma aprendizagem por repetição.

## Considerações

Diante dos pontos apresentados, consideramos a valia da educação musical no processo de desenvolvimento de pessoas com dislexia, uma vez que está inserida ao longo das etapas do método fonomímico com o intuito de romper as limitações provenientes da dificuldade na leitura e escrita advindas com o distúrbio em questão. Vale frisar a relação detectada da música nas atividades propostas do método fonomímico com os métodos ativos que possibilitam atingir os principais objetivos como a memorização, aprendizagem e audição na criança.

Ressaltamos a surpreendente experiência encontrada ao tornar conhecidos os métodos ativos musicais para fins prognósticos, na construção da possibilidade de tratamento para objetivos educacionais. Salientamos que essa pesquisa se fez inteiramente bibliográfica, e recomendamos que a mesma conte tanto com uma continuidade na busca da relação da música nos processos de tratamento aos distúrbios, quanto numa possível aplicação da relação entre os métodos. Nesta pesquisa, nós aplicamos à dislexia. Contudo, qualquer referência da música encontrada em algum outro método para qualquer distúrbio é valiosa, pois trará benefícios e contribuições para a educação musical na perspectiva da educação inclusiva.

## Referências

ABD – Associação Brasileira de Dislexia. *Saiba o que é a ABD*. São Paulo: ABD, s.d. Disponível em: <[www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br)>. Acesso em 17 abril de 2019.

BARBOSA, Maria Luiza Santos. *Música e Dislexia: uma revisão integrativa*. Salvador. 2012.

BRASIL. Constituição Federal. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em 23 de maio de 2019.

BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB: nº 9394/96*. Brasília: 1996.

CARVALHO, Galane Melo Freire; NOGUEIRA, Valdiane Souza Santos. *Dislexia: análise de distúrbio da aprendizagem de uma criança*. São Luís: FLSP. 2016.

COPLAND, Aaron. *At To Listen For In Music*. Copyright 1939 by The McGraw-Hill Book Company, Inc. Copyright 1974 da edição em português Edit. Artenova S.A. Traduzido por Luiz Paulo Horta.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira, 1939. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação* - 2ed.- São Paulo: Editora UNESP, Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

GAINZA, V. Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo: Summus, 1988.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. *Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares*. Rio de Janeiro - RJ: Elsevier, 2002.

INSTITUTO ABCD. *O que é dislexia?* Disponível em <<https://www.institutoabcd.org.br/o-que-e-dislexia>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

KRUG, Flavia Susana. *Dislexia e Musicalidade: ultrapassando as barreiras do distúrbio*. V. 11. Rio Grande do Sul: Revista da Educação do Ideau. 2016.

MATEIRO, T.; ILARI, B.. *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex. 2012.

MUSZKAT, Mauro. *Música, neurociência e desenvolvimento humano*. São Paulo, 2012. Disponível em: <[www.amusicaescola.com.br](http://www.amusicaescola.com.br)>. Acesso em: 25 maio 2019.

RIBEIRO, StefanieKnabben. *Desmistificando a Dislexia: pequenas adaptações para grandes habilidades*. Florianópolis, UFSC, Curso de Graduação em Medicina, 2009.

SILVA, Letícia Silva e. *Inclusão em educação musical: uma proposta de adaptação metodológica para disléxicos*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2015.

SNOWLING, Margaret. *Dislexia*. 2° ed. São Paulo: Santos, 2004.

TELES, Paula. *Dislexia: Método Fonomímico* - Abecedário e Silabário. Lisboa: Distema. 2009.